

EXPERIÊNCIA E POTENCIALIDADE DA AULA-OFICINA NA IMPLICAÇÃO DO SABER HISTÓRICO EM SALA DE AULA

Bruno Lima De Oliveira¹
Aline Cristina De Oliveira Abbonizio²

RESUMO

Este trabalho se dedica a tratar da experiência e potencialidade da metodologia da Aula-Oficina de Isabel Barca (2004), desenvolvida no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) História-CE, na escola-campo Escola Estadual de Educação Profissional Adolfo Ferreira de Sousa, que fica no município de Redenção, Ceará, na turma do segundo ano do Curso Técnico de Enfermagem. A Aula-Oficina é entendida como uma metodologia de ensino que viabiliza a participação ativa dos estudantes, o trabalho colaborativo e a construção coletiva do conhecimento. A oficina intitulada "Ferrovias: Os caminhos da fertilidade abertos no Ceará pelos trabalhadores indigentes no século XIX" buscou envolver os estudantes no processo de investigação, análise e reflexão da temática, colocando-os em contato direto com as fontes hemerográficas dos jornais O Cearense e Echo do Povo. Os trechos dos jornais selecionados dialogam com a formação técnica dos estudantes de Enfermagem, na área da saúde, visto que os objetivos dessa prática possibilitou refletir sobre a natureza do trabalho exercido pelos retirantes no contexto da construção da ferrovia Baturité-Fortaleza, e compreender as condições às quais esses sujeitos eram submetidos. Com base nos autores Maria Schmidt (2014) e Jörn Rüsen (2010), compreendemos o ensino de História não apenas como aplicação de técnicas pedagógicas, mas como prática histórica, fundamentada na didática própria desse campo, no desenvolvimento da cognição histórica, no trabalho e análise de fontes históricas e na relação presente-passado. Por fim, foi produzido um Formulário Técnico Histórico tendo como referência o Formulário da própria área da saúde, método que auxiliou os discentes a investigar as fontes e desenvolverem consciência histórica e pensamento crítico em sala de aula.

Palavras-chave: Aprendizagem histórica; consciência histórica; historiador-docente; PIBID/História-Ceará.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Palmares-Ceará, Discente, brunolima@aluno.unilab.edu.br¹

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Palmares, Docente, aline.abbonizio@unilab.edu.br²



INTRODUÇÃO

A atuação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID 2024-2026), a partir do curso de Licenciatura em História da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB, no Ceará, proporcionou a conexão com o exercício da docência e a construção da nossa identidade docente. Além disso, a participação no programa permitiu compreensão de uma nova dimensão do espaço escolar, isto é, conceber a sala de aula como um lugar de pesquisa, a escola como uma instituição viva e com uma função social.

Neste sentido, a Educação Histórica, conforme Maria Auxiliadora Schmidt (2014), parte do princípio de que a finalidade do ensino de História é a formação da consciência histórica do sujeito criança e sujeito jovem e de que esse sujeito está em relação dinâmica com a cultura histórica da sociedade em que vive. Com base nisso, em diálogo com Jörn Rüsen (2010), a autora critica a ideia do ensino de História como transmissão de conteúdos apenas, pois, para ela, ensinar História implica no desenvolvimento da cognição histórica, trabalho e análise de fontes históricas e a relação de presente-passado.

O desenvolvimento da Aula-Oficina intitulada “Ferrovias: Os caminhos da fertilidade abertos no Ceará pelos trabalhadores indigentes no século XIX” teve como objetivo refletir sobre a natureza do trabalho exercido pelos retirantes no contexto da construção da ferrovia Baturité-Fortaleza; compreender as condições às quais eles eram submetidos; identificar a contradição entre a ideia de “progresso” e a exploração da mão de obra dos retirantes e refletir sobre as formas de resistência e organização dos trabalhadores.

Outrossim, conforme Seffner (2018, p.05), uma das tarefas da aula de História é a de possibilitar que o/a estudante se interrogue sobre sua própria historicidade, inserida na sua estrutura familiar, a sociedade a qual pertence, o país, estado, etc. A partir disso, surge também a atuação do historiador-docente, que busca despertar nos estudantes a habilidade de pensar e analisar de forma crítica as permanências e rupturas da realidade histórica. Dessa forma, a oficina teve como objetivo a participação ativa dos estudantes no processo de investigação, análise e reflexão de fontes hemerográficas dos Jornais O Cearense e Echo do Povo.

METODOLOGIA

A experiência sistematizada neste trabalho foi desenvolvida a partir da participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) História-CE como bolsista licenciando do curso de História. A parte prática da Aula-Oficina envolveu três momentos: 1) a explicação sobre o que levaria à abertura de uma via interligando Fortaleza a Baturité no século XIX, com base nos autores Soares (2015), Cândido (2002); a explicação sobre quais eram os percursos da Estrada de Ferro de Baturité; o cenário da forte seca no Ceará em 1877 e 1879; seguido de um debate sobre em que medida o avanço da construção da Estrada de Ferro de Baturité contribuiu para que os operários ficassem mais suscetíveis às doenças comuns nas regiões em que chegavam.

Neste momento, ainda discutimos as precárias relações de trabalho no contexto da construção da ferrovia, em 1875, e a contratação de trabalhadores considerados “mão de obra barata”. Na sequência, apresentamos aos estudantes a forma como um historiador interroga um documento histórico a partir de perguntas como: que tipo de documento é esse? Sobre o que ele fala? Quando foi produzido?

Após essa explicação, partimos para o segundo momento da oficina, que envolveu a análise, em trios, de trechos de fontes hemerográficas dos jornais Echo do Povo, de 9 de novembro de 1879 e 1º de fevereiro de 1880; e O Cearense, de 3 de outubro de 1888. Os trechos selecionados nos jornais apresentavam situações de

fome que os “indigentes” estavam passando; excesso de serviços a que eram forçados e proibição de descanso ou pausa no trabalho; fornecimento de alimentação insuficiente e de má qualidade; habitação ruim, no meio de materiais insalubres em decomposição; doenças nos abarracamentos e diversos outros casos de maus tratos. A última fonte relata uma paralisação, que resultou em uma greve dos operários em Baturité, como protesto a um engenheiro-chefe que não pagou os oitocentos réis diários prometidos.

A apreciação dos trechos dos jornais foi seguida da apresentação de um formulário para ser preenchido pelos trios, no terceiro momento da oficina.

O Formulário Técnico Histórico é um instrumento que tem como referência a Ficha de Avaliação do paciente, usado por enfermeiros/as registrados para avaliar os pacientes e seus sintomas. Dessa forma, o formulário foi estruturado da seguinte forma:

Status Sanitário: () Adequado () Alerta () Crítico

Sinais e Sintomas observados no texto: ().

Vocês poderão listar algum tipo de epidemia e doenças nesse contexto.

Fatores de Risco Identificado:

A comida para esses trabalhadores era suficiente? Justifique sua resposta.

O que o médico descreve como “causa” das doenças?

O que pode ser mais letal: a seca ou a falta de políticas sanitárias propositais para controlar uma população “indesejada”?

A estrutura da moradia dessas pessoas é um reflexo da desumanização com os trabalhadores e seus familiares ?

A Estrada de Ferro de Baturité foi construída para salvar os retirantes da seca ou para retirá-los da vista da elite de Fortaleza? Justifique sua resposta.

Muitos jornais da época chamavam os operários grevistas de “vadios”. Com base na descrição médica do estado de saúde e moradia descrito pelo médico em Itapahy (atual Itapiúna), a breve greve de 1891 foi um movimento de desordem ou uma “reação” para evitar a morte coletiva por fome, saúde e exaustão?

Fontes primárias principais

Echo do Povo, 9 nov. 1879, p. 1.

Echo do Povo, 1 fev. 1880, p. 1.

Cearense, Fortaleza, p. 1, 3 out, 1888. Edição 00225.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência sistematizada da Aula-Oficina proporcionou despertar uma reflexão histórica acerca da História do Ceará nos meios sociais por meio de fontes sobre a natureza do trabalho exercido pelos retirantes no contexto da construção da Estrada de Ferro de Baturité-Fortaleza, no século XIX, e compreender as condições às quais eles eram submetidos, identificar as contradições entre os ideais de “progresso” desse processo e refletir sobre as formas de resistência e organização dos trabalhadores.

A aula viabilizou apresentar e envolvê-los no Método Indiciário, como explicitado por Carlos Ginzburg (1989). Assim, a partir de uma analogia com o trabalho de um detetive e o contato com fontes primárias, demonstramos que o conhecimento histórico é, necessariamente, fruto de uma investigação. Por fim, os alunos participaram muito da aula e se saíram ótimos nas análises das fontes no decorrer da atividade. Eles perceberam também que o campo da História ganha melhores contornos quando dialoga com outras áreas do conhecimento, como a saúde.

CONCLUSÕES

A realização da Aula-Oficina permitiu exercitar competências para leituras de fontes em sala de aula e estimular a capacidade ativa dos estudantes, o trabalho colaborativo e a construção coletiva do conhecimento histórico. Outrossim, propiciou tratar sobre as condições desumanas e de exploração de mão-de-obra dos retirantes da seca no processo de construção da Estrada de Ferro Baturité-Fortaleza, um processo que trouxe intercâmbio, trocas e desenvolvimentos entre as duas regiões sob a exploração de uma população extremamente vulnerabilizada. A atividade propiciou também compreender esses sujeitos como agentes sociais e sujeitos históricos capazes de construir formas próprias de resistência à exploração, além da importância da pesquisa histórica para resgatar do apagamento histórico grupos sociais subalternizados. Nesse sentido, este trabalho se alinha ao tema da Semana Universitária por ser uma ação que discute, sobretudo, a transformação social sob uma perspectiva crítica e emancipadora, ao inserir no campo de disputa, que é a memória, trabalhadores subalternizados.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Agradecemos ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da UNILAB. À escola Escola Estadual de Educação Profissional Adolfo Ferreira de Sousa. Ao Supervisor Felipe Fladson Ribeiro Queiroz.

REFERÊNCIAS

- BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131- 144.
- CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes. Os trilhos do progresso: episódios das lutas operárias na construção da estrada de ferro de Baturité (1872-1926). Trajetos, Revista de História UFC, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 83-101, 2002.
- COLEÇÃO HISTÓRIAS FERROVIÁRIAS - ESTAÇÃO DE BATURITÉ.
- GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- REIS, Ana Isabel Ribeiro Parente Cortez. A “Ferrovia do diabo” no Ceará: aglomeração e disseminação de epidemias nas frentes de trabalho da Estrada de Ferro de Baturité. Tempo, v. 29, n. 1, p. 45-66, abr. 2023.
- SADDI, Rafael. O parafuso da didática da história: o objeto de pesquisa e o campo de investigação de uma didática da história ampliada. Acta Scientiarum Education, Maringá, v. 34, n. 2, p. 211- 220, 2012 ed. São Paulo: Cortez, 2012, pp. 31-58.
- SEFFNER, Fernando. Aprender e ensinar história. Como jogar isso? 2018.
- SOARES, Igor de Menezes. Uma via para a prosperidade: a estrada de Baturité e o Ceará (1836-1972). 2015. 347f. - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2015.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Cultura histórica e aprendizagem histórica. Revista Nupem, v. 6, n. 10, p. 31-50, 2014.

